

# Caminho entre duas linhas

Walk Between Two Lines

Camino Entre Dos Líneas

**Joana Ferreira Oliveira<sup>1</sup>**

**Américo Luís Enes Marcelino<sup>2</sup>**

1 Artista cujo foco de investigação está no desenvolvimento de uma prática artística reflexiva assente nos recursos e linguagem do Desenho. CIEBA - Centro de Estudos e de Investigação em Belas-Artes. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1090-9718>. E-mail: [joanaparaíso@gmail.com](mailto:joanaparaíso@gmail.com)

2 Professor Auxiliar da FBAUL, onde é docente na Área de Desenho desde 2000, nos cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento. CIEBA - Centro de Estudos e de Investigação em Belas Artes. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5448-9778>. E-mail: [a.marcelino@campus@ul.pt](mailto:a.marcelino@campus@ul.pt)

## RESUMO

Este trabalho comporta uma reflexão sobre os primeiros resultados da prática artística, obtidos no âmbito do projeto artístico *Lugar Habitado* e apresentados na exposição individual *Caminho Entre Duas Linhas*. Através da realização de um percurso pedestre em Lisboa, o ato de caminhar é apresentado como um recurso de investigação para a prática e expressão artística, que permite estabelecer uma reflexão sobre a relação entre o território, memória e a construção da identidade dos indivíduos que nele habitam. Os trabalhos realizados evidenciam uma interação entre o ato de caminhar e a criação de narrativas individuais e coletivas, destacando o papel da memória na construção de um sentido de pertença. Trata-se de uma exposição, que procura colocar a relação pessoal da artista com o território em diálogo com os outros, contribuindo para a construção de uma identidade coletiva.

## PALAVRAS-CHAVE

Prática Artística; Memória; Identidade; Território; Caminhar.

## ABSTRACT

This work reflects on the first results of artistic practice, obtained within the scope of the artistic project *Lugar Habitado* and presented in the solo exhibition *Caminho Entre Duas Linhas*. Through the creation of a pedestrian route in Lisbon, the act of walking is presented as a research resource for artistic practice and expression, which allows for a reflection on the relationship between the territory, memory and the construction of the identity of the individuals who inhabit it. The works produced demonstrate an interaction between the act of walking and the creation of individual and collective narratives, highlighting the role of memory in the construction of a sense of belonging. This is an exhibition that seeks to place the artist's personal relationship with the territory in dialogue with others, contributing to the construction of a collective identity.

## KEY-WORDS

Artistic Practice; Memory; Identity; Territory; Walking.

## RESUMEN

Este trabajo implica una reflexión sobre los primeros resultados de la práctica artística, obtenidos en el ámbito del proyecto artístico *Lugar Habitado* y presentados en la exposición individual *Caminho Entre Duas Linhas*. A través de la creación de una ruta peatonal en Lisboa, el acto de caminar se presenta como un recurso de investigación para la práctica y expresión artística, que permite reflexionar sobre la relación entre territorio, memoria y la construcción de la identidad de los individuos que allí viven. El trabajo realizado destaca una interacción entre el acto de caminar y la creación de narrativas individuales y colectivas, destacando el papel de la memoria en la construcción del sentido de pertenencia. Se trata de una exposición que busca poner en diálogo con los demás la relación personal del artista con el territorio, contribuyendo a la construcción de una identidad colectiva.

## PALABRAS-CLAVE

Práctica Artística; Memoria; Identidad; Territorio; Caminar.

## Introdução

Através da elaboração de um percurso pedestre implementado na cidade de Lisboa, deu-se início ao projeto artístico *Lugar habitado*, que se encontra em desenvolvimento desde o início de 2024 e que será implementado ao longo de três anos de prática artística. Através deste projeto propõe-se uma investigação plástica e conceptual assente em três conceitos interligados, que são o território, a memória e a identidade. Os resultados intermédios obtidos nesta fase inicial do processo de investigação foram apresentados na exposição individual *Caminho Entre Duas Linhas* na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul em Lisboa.

Entende-se que a paisagem e as interações sociais que ocorrem numa cidade, como é o caso da cidade de Lisboa, encontram-se em constante transformação, conferindo uma organicidade única e irrepetível. Essa transitoriedade dos territórios é moldada ao longo do tempo tanto pelos indivíduos que projetam as cidades, quanto por aqueles que nelas vivem. Nesse sentido, os trabalhos artísticos desenvolvidos partem de conceitos e questões que emergem da relação que temos com este território, local onde residimos atualmente. A extensão e complexidade da cidade não nos permite aceder ao conjunto total das suas partes, condição que estimula a nossa imaginação e curiosidade.

O percurso pedestre planeado foi executado de forma faseada e procurou envolver as várias vertentes do espaço público, nomeadamente uma seleção de espaços verdes. O ato de caminhar apresenta-se como um método expressivo de pesquisa e de criação artística que permite uma vivência direta e sensorial do território, pertinente no contexto da arte contemporânea. O ato de caminhar permite ao artista aceder a novas perspectivas, que emergem do contacto e interação com o espaço geográfico e sociocultural.

Radicado na crescente categoria do desenho, o conjunto de trabalhos artísticos transparecem as vivências sensoriais e as reminiscências que permanecem dos espaços percorridos. Entendemos que a preservação da memória serve de alicerce para a edificação do sentimento de pertença individual e coletivo. Esta exposição coloca este projeto de investigação artística e crítica em interação e discussão com o público, convida à reflexão sobre a relação do indivíduo com o território que habita, assim como sobre as reminiscências que perduram dessa simbiose.

## Lugar Habitado

Definidas pelas constantes transformações na paisagem e nas relações sociais, as cidades têm uma organicidade própria e complexa, que vai sendo construída ao longo do tempo pelos indivíduos que as idealizam e por aqueles que nelas habitam. Por mais longa que seja a nossa permanência num território, haverá sempre fragmentos que desconhecemos e que estimulam a nossa imaginação e curiosidade.

O espaço público urbano - composto pelas ruas, avenidas, alamedas, praças e os espaços verdes, permite o contacto com tudo aquilo que nos é exterior e alheio. Será através da nossa interação com estes espaços que poderemos contactar com as múltiplas camadas que compõem o território, através de uma participação direta e ativa poderemos dar corpo à nossa vida e à vida da nossa comunidade (Solnit, 2002).

A pesquisa desenvolvida parte de conceitos e questões que emergem da nossa relação com a cidade de Lisboa, local onde residimos atualmente. Como ponto de partida para o desenvolvimento da prática artística, foi planeado e executado de forma faseada um percurso pedestre pela cidade, envolvendo as várias vertentes do espaço público, nomeadamente uma seleção de espaços verdes.

Entendemos, que em cada território impera uma forma particular de caminhar, sendo que numa cidade, como é o caso de Lisboa, a estrutura urbana impõe-se ao sujeito e condiciona a sua ação. Nesse sentido Rebecca Solnit compara a cidade a uma linguagem, que comporta simultaneamente várias limitações e possibilidades no ato de falar, ao afirmar que "a arquitetura limita onde se pode caminhar, mas o caminhante inventa outros caminhos para ir"<sup>3</sup> (2002, p.443). Assim, apesar do trajeto que planeamos percorrer em Lisboa ter sido antecipadamente delineado, foi sendo confirmada ou alterada a sua rota de acordo com imprevistos ou vontades próprias e subjetivas no momento da sua execução.

Caminhar pode ser visto como uma forma de reivindicação de lugares com significado, onde a memória e a identidade são construídas. A edificação da nossa identidade e o sentimento de pertença beneficiam do reconhecimento e confronto com a história e geografia da cidade. O ato de caminhar pode ser entendido como uma resistência à despersonalização e à efemeridade dos espaços modernos, propondo uma reconexão com o ambiente à nossa volta. Desta forma, será possível ativar os espaços inertes e abstratos, dar-lhes significado, transformando-os em lugares habitados e interiorizados (Augé, 2005).

Enquanto método da ação artística é uma forma poderosa de exploração e expressão dentro da arte contemporânea. Ao caminhar, o artista pode desencadear formas de pensar divergentes, despoletadas por uma série de interações com o espaço, os objetos, as pessoas e os sistemas presentes ao longo do seu percurso. Um dos aspectos centrais do caminhar artístico é o seu poder de revelar as camadas ocultas do ambiente vivenciado, tornando-se num instrumento de conhecimento, de expressão artística e de intervenção territorial (Albrecht, 2019).

Na obra *A Line Made by Walking* de Richard Long, podemos visualizar a marca na relva que Richard Long desenhou ao caminhar repetidamente na mesma direção. Esta linha marca a paisagem e traz para o presente a ação do artista, estabelecendo desta forma, uma relação entre tempo e memória. A obra atua não apenas como uma manifestação física da presença do artista, mas também como um reflexo sobre o impacto temporário que nós, como indivíduos, exercemos sobre o mundo ao nosso

---

3 Tradução a partir de: "architecture limits where one can walk, but the walker invents other ways to go". (Solnit, 2002, p. 443)

redor. De acordo com Francesco Careri (2002), o artista ao repetidamente caminhar sobre a mesma linha de relva, cria um diálogo entre presença e ausência, onde a linha se torna um vestígio tanto da ação quanto da passagem do tempo.

Desta forma, entendo que a ação de caminhar proporciona uma aproximação ao outro e é produtora de espaço e tempo, introduz ao território, às suas características, e potência a criação de lugares, onde as narrativas individuais se formulam. A interação com a história e geografia de uma cidade informa sobre o território e sobre nós mesmos. A cidade como um espaço de memória coletiva permite aos indivíduos localizar as suas próprias histórias dentro de um contexto mais amplo, reforçando um sentido de pertença.

## **Caminho entre duas linhas**

A exposição *Caminho Entre Duas Linhas* apresenta um conjunto de quatro trabalhos artísticos intimamente ligados aos recursos, técnicas e linguagem do desenho, abertos à implementação intuitiva e exploratória da linguagem cartográfica. O diálogo que se estabelece entre os trabalhos expostos promove uma reflexão sobre a relação que detemos com o território em que habitamos. Sendo o território um espaço delimitado pelo homem e pelo grupo sociocultural onde está inserido, através de um processo de identificação e de reconhecimento, entende-se que a criação de um rasto efetivo e a fixação das memórias coletivas e individuais contribuiu para a edificação da identidade dos indivíduos.

Um dos primeiros elementos selecionado para integrar a exposição foi o trabalho *Linha Pontuada* (ver Fig.1 e Fig.2), onde procuramos registrar o percurso pedestre realizado e traduzir a trajetória de uma geografia relacional. Este percurso pedestre, construído à volta de 25 espaços verdes, engloba os vários elementos que constituem o espaço público. O carácter fragmentário do percurso, dividido entre a linha percorrida e os elementos de destino, reflete o ambiente urbano atual, construído e vivenciado através da união de vários elementos que compõem o nosso quotidiano.





Fig. 2, Joana Oliveira, *Linha Pontuada* (pormenor), 2024. Carvão em pó, pedra negra e tinta de arquivo sobre papel dobrado, 70 cm x 100 cm, COSSOUL, Lisboa.

Caminhar é deixar um rasto da vida que acontece, como Tim Ingold afirma um “processo contínuo de crescimento e desenvolvimento, ou de auto-renovação”<sup>4</sup> (2007, p.76). O desenho do percurso pedestre realizado ocorre num tempo próprio, necessário à sua execução, através de um território que se vai construindo sem fronteiras. Marcado pela presença das linhas geodésicas - a grelha de latitude e longitude, o desenho dá-nos a conhecer o percurso concretizado na ausência do espaço geográfico que o rodeia e com o qual se relaciona. Trata-se de um desenho que coloca os elementos num plano mais visionário do que num plano das coisas concretas (Ingold, 2007).

Num segundo momento, apresenta-se uma série de 25 desenhos denominada *Fragmentos* (ver Fig.3 e Fig.4), elaborados a partir da memória dos espaços verdes percorridos, onde se pretendeu trazer para o presente uma relação com o passado. De acordo com Kevin Lynch, “na maior parte das vezes a nossa percepção da cidade não é íntegra, mas sim bastante parcial, fragmentária, envolvida noutras referências” (1996, p.12), assim através dos desenhos, que traduzem a imagem construída de um espaço vivido e sentido, procurou-se uma reconexão com os espaços verdes percorridos e perceber o que permanecia em nós destes espaços coletivos e partilhados.

---

4 Tradução a partir de: “process of growth and development, or of self-renewal” (Ingold, 2007, p.76)



Fig. 3, Joana Paraíso, *Fragmentos* (série de 25 desenhos), 2024. Carvão em pó, pastel seco, tinta de arquivo e grafite sobre papel. 21 cm x 29,7 cm. COSSOUL, Lisboa.

Será através de uma relação continuada com o meio ambiente que cada indivíduo vai estabelecendo os alicerces da sua identidade, nesse sentido esta série de desenhos, que se apoia na recordação de uma experiência passada, promove um sentido de lugar, “o passado torna-se a base sobre a qual o futuro será construído, e aqueles que não honram o passado poderão nunca construir um futuro.”<sup>5</sup> (Solnit, 2002, p.450). A experiência de imersão nas características reminiscentes dos espaços verdes, mais do que uma simples recordação, transforma-se numa vivência intrínseca à construção da identidade pessoal e coletiva.

Desenhar através da memória, serve de ponte para essa comunicação profunda entre o ser e o ambiente, e dá corpo às camadas visíveis e invisíveis da nossa relação com o território. A percepção fragmentada do território em que nos inserimos pode ser recomposta através das narrativas pessoais e coletivas que se constroem em torno desses espaços. O conjunto de desenhos apresentados também poderão ser entendidos, de uma forma mais alargada do que a narrativa pessoal de quem os produziu, eles são tentativas de recompor a integridade desses espaços na memória dos que com eles se cruzam. Este trabalho artístico, ao evocar a memória e a experiência, não se limita a ser uma mera representação, ele propõe uma reflexão sobre a forma como nos relacionamos com o território que nos rodeia.

5 Tradução a partir de: “The past becomes the foundation on which the future will be built, and those who honor no past may never make a future.” (Solnit, 2002, p.450)



Fig. 4, Joana Oliveira, *Fragmentos (pormenor)* 2024. Carvão em pó, pastel seco, tinta de arquivo e grafite sobre papel. 21 cm x 29,7 cm. COSSOUL, Lisboa.

Por sua vez, a série *Cruzamentos* (ver Fig.5) é composta pelo conjunto de 100 desenhos, que traduzem e testemunham as decisões tomadas na passagem pelos cruzamentos das ruas encontradas ao longo do percurso efetuado. O ato de caminhar, induz-nos a tomar decisões espontâneas conforme avançamos na rota que antecipadamente traçamos e nos deparamos com os ambientes que emanam de cada rua a percorrer. Os indivíduos “na prática, continuam a tecer os seus próprios caminhos através destes ambientes, traçando percursos à medida que avançam” (Ingold, 2007, p. 75) e estabelecendo ligações entre o microcosmo pessoal e o macrocosmo público.



Fig. 5, Joana Oliveira, Cruzamento (série de 100 desenhos), 2024. Carvão em pó sobre papel. 21 cm x 21 cm. COSSOUL, Lisboa.

Lynch (1996) argumenta que os cruzamentos são essenciais para compreender a estrutura da cidade, pois são pontos de referência que ajudam as pessoas a navegarem e a se orientarem no espaço urbano. Neste contexto, cada cruzamento desenhado pode ser visto como um marco pessoal dentro da malha urbana, capturando não só a estrutura física das cidades, mas também as escolhas e experiências individuais. É como se cada desenho representasse um momento de interação entre o indivíduo e a cidade, enfatizando a natureza dinâmica e interpretativa da experiência urbana. Este aspecto do trabalho ressoa com a ideia de *legibilidade* de Lynch, a facilidade com que partes distintas da cidade podem ser reconhecidas e organizadas num padrão coerente.

Por último, foi proposto o projeto participativo *Vozes da Cidade* (ver fig.6 e fig.7), que visa refletir sobre as interações pessoais que cada um de nós detém com o espaço urbano e promove a participação ativa dos visitantes, transformando-os

em co-autores do projeto. Através de uma gravação sonora, os participantes são convidados a descreverem livremente as memórias que guardam de um percurso pedestre realizado na cidade. O conjunto das gravações é semanalmente reunido e disponibilizado para audição no contexto da exposição, de forma a trazer para o espaço público as contribuições pessoais de cada um dos participantes e contribuir para a construção de uma identidade territorial coletiva.



Fig. 6, Joana Oliveira, Vozes da cidade, 2024. Legenda, gravador, media player e auscultadores. Dimensões variadas. COSSOUL, Lisboa.

A utilização de memórias pessoais para construir um entendimento coletivo do espaço urbano, remete à ideia de que o território é entendido não apenas como um conjunto de estruturas físicas e geográficas, mas como uma entidade dinâmica moldada pelas experiências e narrativas dos seus habitantes. O método usado permitirá o encadeamento de memórias sobre a cidade e enfatiza a transitoriedade da experiência de caminhar, sugerindo que as percepções podem ser constantemente renegociadas e reinventadas.

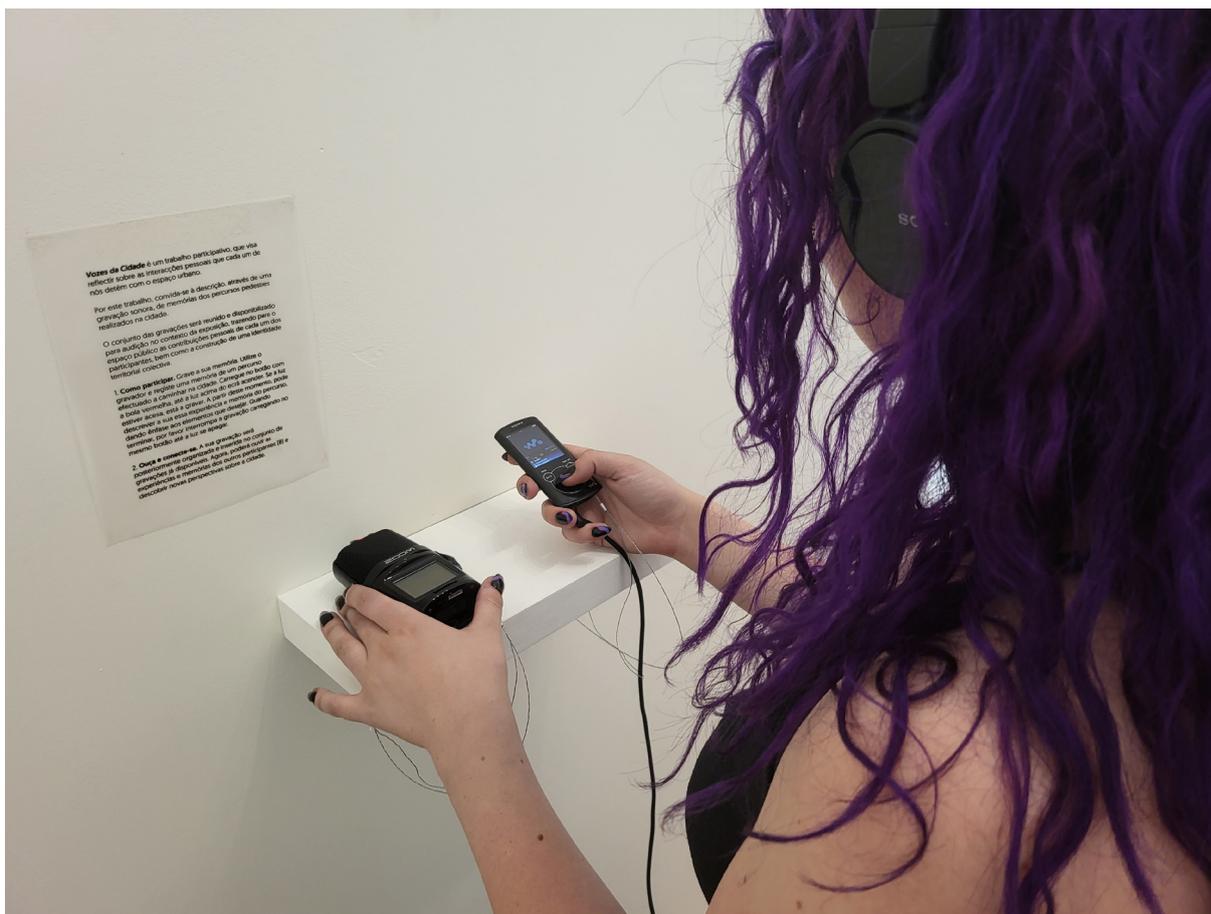


Fig. 7, Joana Oliveira, *Vozes da cidade*, 2024. Legenda, gravador, media player e auscultadores. Dimensões variadas. COSSOUL, Lisboa.

Este trabalho colaborativo parte da ideia apresentada por Rebecca Solnit de que “todos se podem tornar participantes em vez de membros do público, que todos se podem tornar produtores em vez de consumidores de significado”<sup>6</sup> (2002, p. 448).

Cada contribuição individual torna-se parte de um diálogo maior e coletivo, onde o caminhar no espaço urbano é interpretado e reimaginado de diversas formas. Como Kester (2004) observa, os trabalhos artísticos participativos não apenas documentam experiências, mas também possibilitam a criação de novas histórias que são essenciais para a compreensão sócio-cultural em evolução. Assim, neste projeto, o conceito de caminhar expande-se para além do movimento físico, tornando-se um ato de exploração, (re)descoberta e marcação de território.

6 Tradução a partir de: “that everyone could become a participant rather than a member of the audience, that everyone could become a producer rather than a consumer of meaning” (Solnit, 2002, p. 448)

## Considerações finais

O ato de caminhar revela-se não apenas um meio de locomoção, mas como um meio que possibilita a construção de lugares. Como afirma Solnit

quando te entregas aos lugares, eles devolvem; quanto mais os conheces, mais os semeias com a colheita invisível de memórias e associações que estarão à tua espera quando voltares, enquanto novos lugares oferecem novos pensamentos, novas possibilidades (2002, p. 39).

A exposição *Caminho Entre Duas Linhas* apresenta um conjunto de trabalhos artísticos que são profundamente influenciados pelas experiências sensoriais e pela memória dos espaços percorridos, ressaltando a importância da preservação da memória individual e coletiva na construção do sentimento de pertença. O território encontra-se em constante alteração, assim como as nossas percepções e as relações que temos com os lugares. Desta forma, os trabalhos desenvolvidos são testemunhas das mudanças internas que ocorrem ao longo do tempo e refletem sobre como o passado informa e molda o nosso presente e futuro.

Entendemos que o ato de caminhar é em si uma forma de enunciação, uma maneira de falar sobre e através do espaço. É uma forma profundamente pessoal de perceber o espaço público e urbano, mas que também ressoa com a experiência coletiva, pois cada um de nós, ao nos movermos pela cidade, participamos ativamente na transitoriedade do território com as nossas próprias vivências e memórias.

## Referências

ALBRECHT, Glenn. **Earth emotions**: New words for a new world. Ítaca e Londres: Cornell University Press, 2019

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Campinas, São Paulo: Papirus, 2018.

BERNAL, Dalia.; HAVIK, Klaske.; MOURA, Carlos; Restrepo, E. & NICULAE, Lorin. Repository: **49 Methods and Assignments For Writing Urban Places**. União Europeia: nai0I0publishers, 2023.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: Walking an Aesthetic Practice. Ames, Iowa: Culicidae Press, 2017

INGOLD, Tim. **Lines**: A brief history. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2007

KESTER, Grant. **Conversation Pieces**: Community and Communication in Modern Art. California: University of California Press, 2004

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 1996

SOLNIT, Rebecca. **Wanderlust**: A History of Walking. Nova Iorque: Penguin Books, 2002

**Submissão:** 27/06/2024

**Aprovação:** 17/08/2024